

“O CHERNOAMIGO DO MEU CHERNOIRMÃO”: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA O FORMATIVO CHERNO-

Caio Mieiro MENDONÇA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: Este trabalho procura analisar palavras construídas com o elemento *cherno-*, como ‘chernomatéria’, ‘chernopessoa’, ‘chernogato’, a fim de discutir o estatuto desse elemento na língua portuguesa. O *corpus* da pesquisa é composto por dados extraídos da rede social *Twitter*. Defende-se que o formativo funciona na língua como um *splinter* não nativo. Os dados apontam que a utilização do formativo *cherno-* demarca as funções atitudinal e indexical. Para realizar a análise dos dados, o aporte teórico da pesquisa é composto de textos de Gonçalves (2013, 2016, 2019), que tratam, dentre outros conteúdos, da formação dos *splinters* e dos comportamentos de *splinters* diversos na língua portuguesa, tomando como modelo a Morfologia Construcional.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia, Formação de palavras, *Splinters*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com Gonçalves (2019: 155), o termo *splinter*, em inglês, significa ‘fragmento’, ‘pedaço’, ‘lasca’, enquanto, na literatura morfológica, remete a partes de palavras que, retendo o significado da forma original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais. Esta pesquisa tem por objetivo analisar as formações com *cherno-* em construções como ‘chernoamigo’, ‘chernonamorado’ e ‘chernoprofessor’. Defende-se que o formativo funciona na língua como um *splinter* não-nativo, uma vez que condensa a informação lexical da palavra “Chernobyl” e funciona como uma forma presa que se anexa à margem esquerda das palavras que modifica. O trabalho visa a defender a hipótese de que as construções com *cherno-* são oriundas do cruzamento vocabular ‘chernoboy’ e expressam função atitudinal bem como função indexical. O *corpus* da pesquisa constitui-se de palavras formadas com *cherno-*, retiradas da rede social *Twitter*. Para a investigação dos processos morfológicos envolvidos na criação das palavras analisadas, serão utilizados, como base, os escritos de Gonçalves (2013, 2016, 2019), que se aportam na Morfologia Não-Concatenativa para descrever os estatutos de alguns *splinters* na língua portuguesa.

As seções que se seguem após estas palavras iniciais são quatro: O trabalho é dividido em quatro. Em “*Splinters*”, serão apresentados a revisão da literatura sobre o formativo e alguns dados com *splinters* nativos e não-nativos; em “Construções com *cherno-*”, busca-se descrever o comportamento do elemento *cherno-* com base no tratamento dado aos *splinters* pela literatura; em “Considerações finais”, são apresentados as conclusões iniciais sobre *cherno-*, as contribuições da pesquisa e os objetivos futuros; por fim, em “Referências” os textos que sustentaram as reflexões propostas.

1. OS SPLINTERS

Um dos objetivos do trabalho desenvolvido em Gonçalves (2013) é defender a tese de que *splinters* resultam de processos não-concatenativos, mas se adaptam aos padrões de

“O chernoamigo do meu chernoirmão”: uma proposta de análise para o formativo *cherno-*

prefixação ou sufixação, por serem formas presas. Para tanto, o autor realiza uma análise detalhada dos *splinters* apresentando o histórico do termo na literatura morfológica e descrevendo os processos morfológicos envolvidos na criação dos *splinters*.

Na apresentação do histórico do uso do termo *splinter*, expõem-se os postulados de diversos autores. Gonçalves (2013) mostra como o termo foi sendo atualizado: Berman (1961) apresenta o termo como designando partes aleatórias de vocábulos fundidos; já Adams (1973) adiciona que não são os *splinters* morfemas ou elementos decompostos (GONÇALVES, 2013: 141).

Destaca Gonçalves (2013) que, até a década de 1990, era esse tipo de formativo analisado por uma concepção linear, que identificava fronteiras nítidas entre os morfemas e ou partes de palavras que constituíam as construções com *splinters*. O termo *blending* é articulado à definição de *splinter*, uma vez que designa o processo de “mistura” de palavras. Desse termo, Gonçalves (2013) utiliza *blend* como resultado desse processo e mostra a ampla utilização do termo na literatura. Após a década de 1990, dada a difusão da Teoria da Otimalidade e da Morfologia prosódica, “*blends* passam a ser concebidos como resultantes de uma operação não-concatenativa em que a sucessão das bases é muitas vezes rompida por sobreposições, dando origem a palavras que condensam o significado de seus constituintes (GONÇALVES, 2013: 142).

Com tal atualização teórica, pôde-se analisar com maior precisão os *splinters*, estabelecendo-se, com isso, novos critérios de descrição. Bauer (2005) identifica o caráter de recorrência desses elementos, definindo-os como partículas cujo estatuto morfológico se aproxima do dos afixos e pode proporcionar a criação de formativos, negando a aleatoriedade dos constituintes do *blending*. Danks (2003), numa análise com a qual bem se articulará a de Bauer (2005) dá destaque ao fato de a alta produtividade de certos *splinters* fazer com que possam adquirir estatuto de afixos, e Chung os distingue dos *splinters* dos cruzamentos vocabulares, indo de encontro à análise de Lerher (2007), o qual postula que:

quando um *splinter* torna-se tão comum a ponto de as pessoas começarem a usá-lo frequentemente, pode perder sua conexão com a palavra-fonte e ser considerado um morfema por direito próprio. Obviamente, uma vez que haja uma escala de *splinters* completamente originais para morfemas completamente convencionais, a transição de *splinter* para morfema principal independente é um processo diacrônico (op. cit. 121 *apud* GONÇALVES, 2013: 142-3).

Alguns trabalhos que analisam o português de autoria de Gonçalves são apresentados pelo autor na mesma seção, a fim de percorrer a literatura pregressa sobre o assunto e conclui-se que:

Pelo que se expôs no decorrer desta seção, formações com *splinters* diferenciam-se de *blends* e estão a meio do caminho entre o *blending* e a afixação. Estamos afirmando, com isso, que nem todos os casos de *blends* podem ser interpretados como constituídos de *splinters*, muito embora essa tenha sido a tendência inicial, encontrada nos primeiros trabalhos sobre o assunto (ADAMS, 1973; ALGEO, 1991). *Blends* são simplesmente fusões vocabulares [...] cujos constituintes (se é que assim podemos nos referenciar à estrutura morfológica dessas palavras) de modo algum recorrem. Formações com *splinters* [...] apresentam elementos recorrentes à esquerda ou à direita, o que, de certo modo, lhes dá o direito de reivindicar (a) a existência de concatenação e (b) um estatuto morfológico próprio. (GONÇALVES, 2013: 144)

Como os *splinters*, então, por serem recorrentes, aproximam-se de afixos, passou-se a dar mais importância aos seus processos de formação. Utiliza-se o termo “forma combinatória”, que Warren (1990) postula, para se analisarem, dentre outros elementos¹, os *splinters*. Esse termo designa-os como pedaços de palavras com alguma recorrência em que há compactação do significado da base por um processo de reanálise (GONÇALVES, 2013: 145). Tal informação é retomada por Gonçalves (2016: 88) quando se refere a “reinterpretação de palavra preexistente”. Para o autor, “uma sequência fônica reinterpretada pode tornar-se recorrente e criar série de palavras” “usualmente combinados com pedaços de palavras ou palavras inteiras” (*idem* 88).

Lerher (1998) utiliza o termo ‘forma combinatória’ para se referir às formas originadas por *blending* e *clipping*². O processo de reanálise é descrito por Gonçalves (2013) a partir da palavra “macarronese” que dá origem ao *splinter-nese*:

É bem provável que o criador da nova palavra, já bastante consagrada pelo uso, diga-se de passagem, tenha substituído a semivogal [j], de ‘maionese’, pelos segmentos [k], [a] e [x], de ‘macarrão’, com a vantagem adicional de as duas palavras compartilharem a periferia direita, [ma], e a sequência [on], que, em ‘macarrão’, vem representada pelo ditongo nasal. Com a fusão, o restante da construção morfológica original, ou seja, a sequência *-nese*, acabou sendo tomada por um formativo com o significado de “maionese”. Desse modo, o falante que cunhou a palavra ‘macarronese’ não tomou a terminação ‘nese’ como morfológica, mas acabou por transformá-la em entidade, que, pelo mecanismo da substituição sublexical (GONÇALVES, ANDRADE & ALMEIDA, 2010), acabou se comportando como tal. (GONÇALVES, 2013: 147).

A substituição sublexical, por sua vez, resulta da troca de parte de uma palavra por outra, em que se mantém o restante inalterado, “mecanismo no qual uma sequência não-morfêmica de uma dada palavra é reinterpretada como unidade significativa e substituída por outra” (ALMEIDA & GONÇALVES, 2007: 79 *apud* GONÇALVES, 2013: 147).

Utilizando o exemplo em questão, ‘sacolé’, podemos afirmar que, com o *blending*, a posição à esquerda passa a ser preenchida por uma palavra e, por esse motivo, pode agora ser substituída por outra de significado congênere, criando, com isso, condições ideais para (a) formar séries de palavras, (b) deixar um elemento fixo na posição final e, conseqüentemente, (c) instituir um esquema construcional similar ao da sufixação. Acreditamos, portanto, que a substituição sublexical esteja na base da criação de inúmeros afixos do português (GONÇALVES, ANDRADE & ALMEIDA, 2010) e, nos dias de hoje, responde pela existência de vários *splinters*. GONÇALVES, 2013: 147)

Tomando-se como base os postulados de Booij (2005, 2007), Gonçalves (2013 e 2016) apresentam que *splinters* participam de esquemas de formação de palavras semelhantes aos da derivação e composição. A seguir, alguns dados que exemplificam o fenômeno:

¹ Optou-se aqui por não abordar a aproximação entre *splinters* e outros constituintes, como pseudo-prefixos e arqueoconstituintes que Gonçalves (2013) destaca.

² Processo em que uma palavra é encurtada sem passar a funcionar como palavra e “em que uma parte nem sempre morfêmica passa a valer pelo todo, a exemplo de *euro-* (‘euro-dólar’, ‘euro-deputado’) e *info-* (‘info-shopping’, ‘info-unidade’)” (GONÇALVES, 2013: 145).

“O chernoamigo do meu chernoirmão”: uma proposta de análise para o formativo *cherno-*

Palavra originária	Primeiro <i>blend</i>	Outras formações	Esquemas
patrocínio	paitrocínio	eutrocínio, tiotrocínio...	[X _s trocínio] _s
madrasta	mãedrasta	avódrasta, irmádrasta...	[X _s drasta] _s
maionese	macarronese	ovonese, bacalhonese...	[X _s nese] _s

Quadro 1: esquemas dos splinters (adaptado de GONÇALVES, 2013)

Os *splinters*, portanto, estabelecem grau alto de dependência com as bases que os originam. Nas palavras de Gonçalves (2016: 92) “ao que tudo indica, ainda mantém forte conexão com suas formas de base e, por isso mesmo são interpretados a partir delas”. A palavra ‘chocolícia’, é interpretada como ‘delícia de chocolate’; ‘caipisaquê’, como ‘caipirinha de saquê’; ‘piricrente’, como ‘piriguetete crente’ etc (GONÇALVES, 2016).

Outro ponto que perpassa a discussão é o fato de, nas construções com *splinters*, não haver necessariamente a evolução de um processo morfológico não concatenativo para concatenativo, como sugerem os dados anteriores. O exemplo que sustenta a discussão é o caso do *splinter*-tone apresentado a seguir:

Operações não-aglutinativas criam formas que não necessariamente se caracterizam pela sucessão linear estrita de elementos morfológicos, a exemplo de ‘sorvetone’, fusão de ‘sorvete’ com ‘panetone’, caracterizada, inclusive, pelo compartilhamento da oclusiva alveolar /t/. Em função do uso, a sequência -tone, bem mais vinculada a ‘panetone’ que a ‘sorvete’, por aproveitar daquela forma de base justamente o pé nuclear, constituinte proeminente, do ponto de vista prosódico e cognitivo (BECKMANN, 1999), compacta o significado de ‘panetone’, combinando-se, a seguir, com várias bases que designam comestíveis passíveis de constituir recheio ou ingredientes de panetones (GONÇALVES, 2013: 148)

Um fato importante para a análise dos *splinters* é que alguns deles são formados a partir de palavras estrangeiras. Esses elementos “formam hibridismos e ‘criam esquemas de formação de palavras que acabam se conformando aos padrões construcionais existentes na língua” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012: 106 *apud* GONÇALVES, 2016: 86). Por isso, Gonçalves (2019: 155) afirma que “mesmo podendo ser oriundos de palavras de outras línguas, participam de construções lexicais da língua portuguesa sem constituírem empréstimos”. A adaptação aos padrões construcionais do português foi abordada também em Gonçalves (2013: 151):

O sentimento de vernaculidade, se é que podemos assim nos expressar, deriva do menor ou maior grau de distanciamento fonológico e/ou ortográfico da partícula em relação à matriz na língua doadora. Portanto, são menos nativizados aqueles que preservam a grafia e a pronúncia original, a exemplo de *-gate*, *-leaks* e *wiki*-. Num grau intermediário, com adaptação gráfica, mas não necessariamente fônica (ou vice-versa), estão *splinters* como *ciber-* e *-tube*. Por fim, os mais integrados à língua e, portanto, praticamente sentidos como vernáculos, são aqueles em que

apresentam feição fonológica e gráfica idênticas a formas plenas existentes em português, a exemplo de *info-*, *euro-* e *-lândia*.³

Tendo em vista o processo de formação dos splinters e das palavras com esses formativos, além das observações feitas sobre a sensação de vernaculidade dos splinters não-nativos feitas por Gonçalves (2013), a seção seguinte vai descrever o comportamento do elemento *chern-*.

2. CONSTRUÇÕES COM *CHERNO-*

Vem-se observando grande popularização de palavras formadas com a sequência ‘*chern-*’ à margem esquerda, nos textos produzidos nas redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *WhatsApp*, como demonstra o seguinte dado:

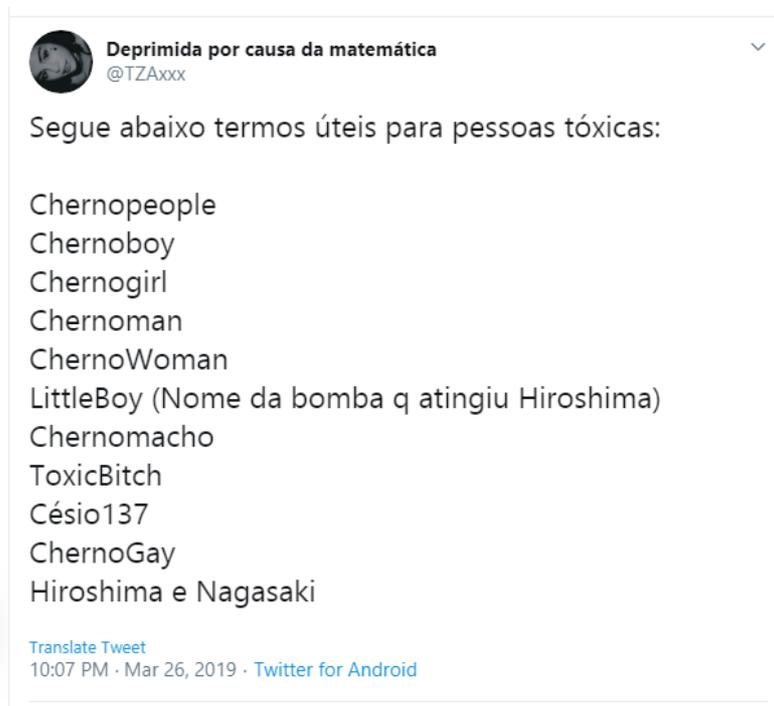


Figura 1: apresentação das formações com *chern-*

Por disponibilizar uma ferramenta de consulta de palavras que mapeia todas as publicações da rede social, o *Twitter* foi escolhido objeto de investigação para levantamento do *corpus*. Identificou-se por meio da pesquisa na rede social, que, pelo menos a partir de janeiro de 2017, já se produziam palavras que apresentavam a sequência “*chern-*” anexada à esquerda de outras palavras. A seguir, o dado mais antigo identificado:



³ Reforçando, não serão discutidos, por questão de restrições de espaço, os formativos neoclássicos.

“O chernoamigo do meu chernoirmão”: uma proposta de análise para o formativo *cherno-*

Figura 2: dado mais antigo identificado com *cherno-*

As palavras formadas por *cherno-* estabelecem uma relação metonímica com a palavra “Chernobyl”, que dá nome à cidade ucraniana em que ocorreu um acidente em uma usina nuclear, em abril de 1986. O fato do aumento considerável da produção de palavras formadas por *cherno-* justifica-se pela popularização da série “Chernobyl”, produzida pelo canal de televisão por assinatura *HBO* e lançada em maio de 2019, como demonstra o seguinte dado:

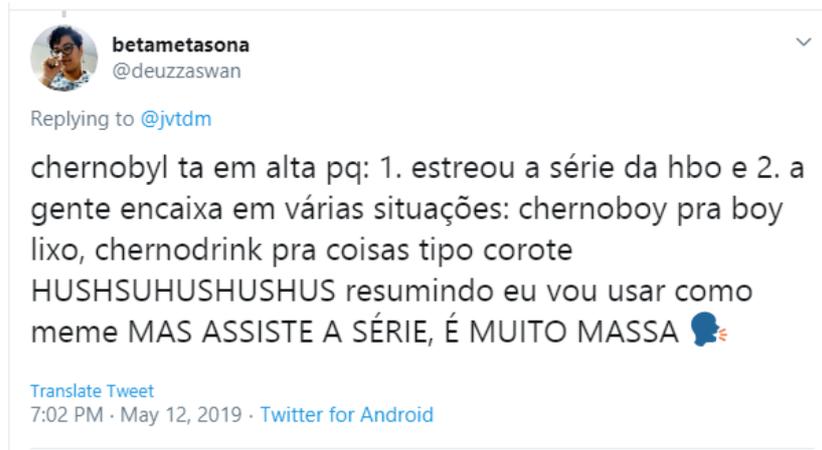


Figura 3: *tweet* sobre a popularidade de *cherno-*

O texto presente no dado supracitado articula os principais aspectos da sequência “cherno”, o causador de sua popularidade em meio aos gêneros digitais e a sua recorrência na formação de palavras. Dada a produtividade das construções, observou-se que *cherno-* tornou-se um *splinter* não-nativo tendo em vista o critério da recorrência que a literatura apresenta.

As palavras às quais se adjunge *cherno-* são, em maioria, substantivos – “chernopessoa”, “chernodengo”, “chernotrio”; há também dados cujas palavras que *cherno-* modifica são adjetivos – “chernolindo”, “chernogostoso”, “chernobom”; ainda se encontram ocorrências de *cherno-* modificando pronomes – “chernoeu”, “chernonós”; são encontrados casos com participios lexicalizados, funcionando como substantivos e adjetivos – “chernoagredado”, “chernofodido”. Para além de figurar em palavras vernáculas, o elemento *cherno-* agrega-se a também empréstimos lexicais – “chernobrother”, “cherobaby”, “chernofood”, “chernoboy”.

Esses dados demonstram que *cherno-* parece escolher palavras que tem características nominais. Além disso, outro traço comum das palavras escolhidas é a possibilidade de serem utilizadas para expressar sentimentos. Os pronomes “eu” e “nós”, por exemplo, são utilizados como interjeições em alguns contextos de interação. Ao se analisarem os dados, percebeu-se que são frequentes as demarcações de opinião sobre o referente da palavra modificada por *cherno-*. Tal fato demonstra que o uso do formativo manifesta a função atitudinal, que “caracteriza-se pela necessidade de o falante expressar carga emocional variada a partir do uso de processos morfológicos” (GONÇALVES, 2019: 127). Os dados a seguir apresentam casos de marcação de atitude do falante:



Figura 4: *tweet* expressando função atitudinal

Gonçalves (2019: 130) destaca também que estruturas linguísticas podem expressar função indexical, ou seja, “permitem que seja traçada uma espécie de perfil sociocultural dos usuários”, ainda reforça citando que “determinadas estratégias podem funcionar como uma espécie de ‘sistema de sinalização’ revelando o perfil sociolinguístico do usuário” (GONÇALVES 2003: 87 *apud* GONÇALVES, 2019: 130). O uso de palavras formadas por *chern-* demarca o perfil dos usuários, sendo eles identificados como falantes mais jovens que têm acesso à *Internet* e às redes sociais.

Vale ressaltar que *chern-* apresenta um comportamento semelhante ao dos prefixos, pois se apresenta na língua como uma forma presa, anexa-se à margem esquerda das palavras, as palavras formadas com *chern-* seguem o padrão DT-DM, e o formativo não altera a classe da palavra modificada.

Quanto à origem do formativo, tendo em vista que já se discutiu que *splinters*, com frequência originam-se de *blends*, ao se observar o *corpus*, verificou-se que há pouquíssimos casos de *blends*, sendo “chernoboy” um dos únicos. Somando-se isso aos fatos de que o *blend* coincide com o caso mais antigo de formação com “chern” e de o número de ocorrências de “chernoboy” ser muito maior que os dos demais dados, defende-se que foi “chernoboy” o *blend* inicial que motivou a formação do *splinter cherno-*.

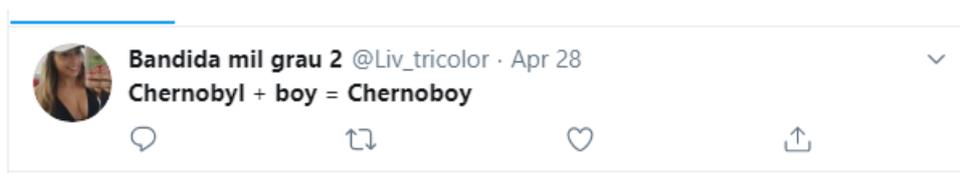


Figura 5: *tweet* sobre a formação de “chernoboy”

Nos dados analisados, observa-se que menos da metade dos usos da palavra “chernoboy” é produzida por falantes de língua portuguesa, sendo a maioria registrada por usuários do *Twitter* em língua inglesa. Como há um intercâmbio frequente entre palavras e expressões de língua inglesa para a língua portuguesa pelo uso da *Internet*, acredita-se que o *blend* “chernoboy”, já produtivo em inglês, veio como empréstimo para o português. A palavra ucraniana “Chernobyl” e a palavra inglesa “boy”⁴ já haviam sido adaptadas aos padrões fonológicos do português, figurando na língua como empréstimos lexicais, o que levou à reanálise da sequência “chern” e, conseqüentemente, à substituição sublexical.

⁴ A palavra “boy” é bastante utilizada por falantes mais jovens que têm acesso à *Internet* e às redes sociais. Destaca-se aqui que tal palavra é utilizada, na maioria dos dados analisados com sentido específico: “garoto gato, bonito, namorado, pessoa que você ama muito”(disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/boy/> acesso em 20 de novembro de 2019, às 19:50.

“O chernoamigo do meu chernoirmão”: uma proposta de análise para o formativo *cherno-*

A partir dos postulados de Gonçalves (2013), é tomada como hipótese que ocorre, nas construções com *cherno-* o mesmo processo que se dá em construções com *-trocinio*. Por o ataque da última sílaba de “Chernobyl” e o do monossílabo “boy” compartilharem a consoante oclusiva bilabial sonora [b], criam-se condições favoráveis para a reanálise da sequência “cherno” e para ocorrer o processo de substituição sublexical do segmento final de “Chernobyl” por outras palavras.

Cria-se, com isso, um esquema construcional, em que se estabelece uma relação metonímia com o acidente nuclear de Chernobyl. Tal metonímia atribui à palavra modificada uma avaliação que toma por base os conhecimentos de mundo que o falante detém sobre o desastre, por exemplo, toxicidade, radioatividade, perigo, desastre etc. A avaliação que o falante faz sobre o termo modificado, entretanto, pode não ser depreciativa, mantendo um vínculo menos explícito com o acidente em si e tomando como base características como quebra de expectativa, estranheza, como mostram os exemplos:



Figura 6: *cherno-* expressando depreciação

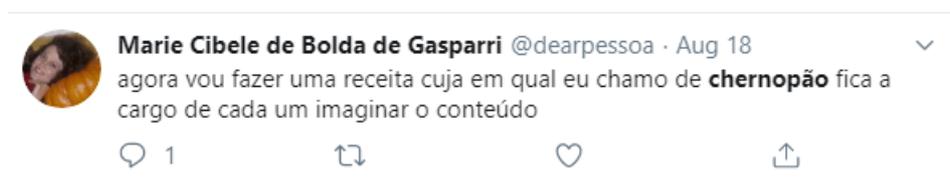


Figura 7: *cherno-* expressando estranheza

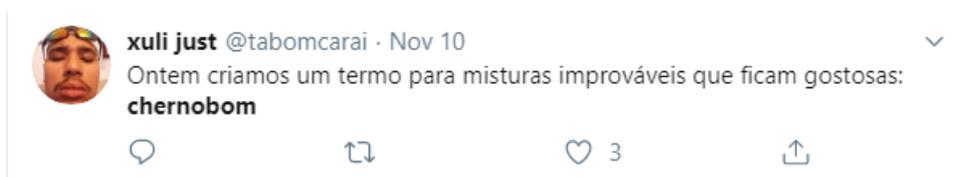


Figura 8: *cherno-* expressando surpresa



Figura 9: *cherno-* expressando apreciação

Tal processo de avaliação, por serem dados ainda não tão produtivos na língua⁵, certas vezes precisa ser explicitado pelo falante, por meio de apostos explicativos, ou mesmo sentenças completas, para que o interlocutor depreenda o sentido. Observem-se os exemplos a seguir:

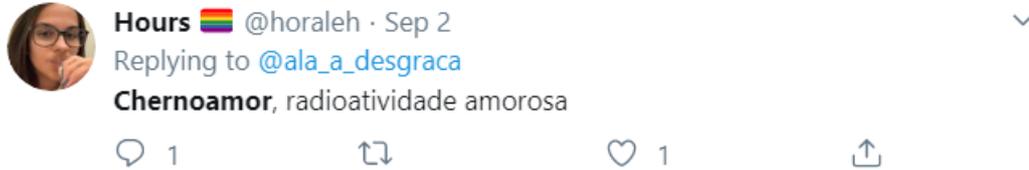


Figura 10: *tweet* explicitando relação expressa por *cherno-*, em “chernoamor”

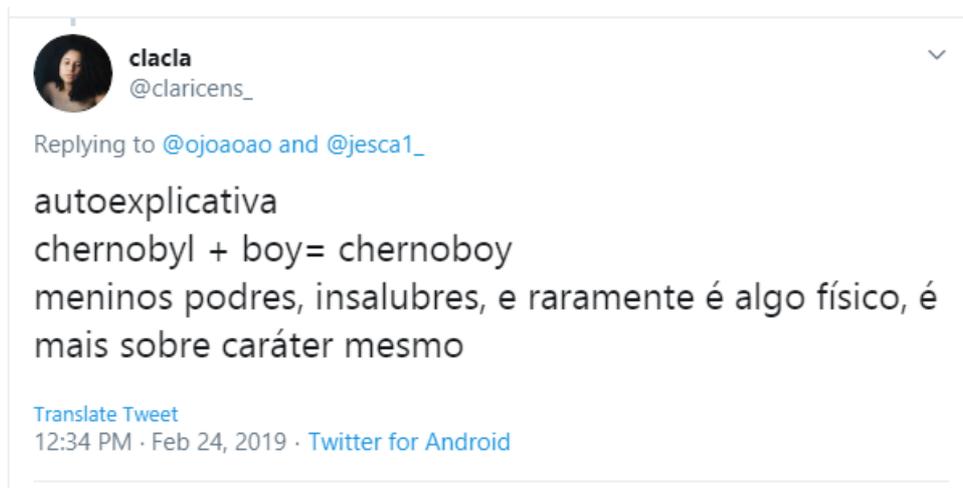


Figura 11: *tweet* explicitando relação expressa por *cherno-*, em “chernoboy”

Observa-se que há relações mais prototípicas expressas pelo formativo, quais sejam a depreciação (figura 6) e a estranheza (figura 7), as quais se utilizam dos conceitos “tóxico”, “radioativo”, “perigoso” e “desastre”, mas também há a relação de surpresa quanto ao referente (figura 8), que se distancia um pouco dos conceitos prototípicos, fazendo uso de “inesperado” para o estabelecimento da relação, e há também a relação de apreciação (figura 9), em que se embaçam mais ainda os conceitos “radioativo”, “tóxico” e “desastre”, criando-se, a partir dos conceitos “estranho”, “inesperado” e “inusitado”, uma metáfora expressando “o que é estranho é bom”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do corpus, conclui-se, portanto, que a) o formativo tem origem no *blend* “chernoboy” e popularizaram-se as criações com *cherno-* graças ao lançamento da série “Chernobyl”; b) o formativo tem estatuto de *splinter* na língua portuguesa; c) as palavras formadas por *cherno-* apresentam em comum características nominais; d) o uso do *splinter* não-nativo *cherno-* sinaliza o perfil sociocultural do usuário, expressa a atitude do falante e ainda demarca informalidade e aproximação com o interlocutor, e e) quatro

⁵ São produtivos em relação à quantidade de palavras com que ocorrem, mas pouco produtivos em relação aos gêneros em que figuram.

“O chernoamigo do meu chernoirmão”: uma proposta de análise para o formativo *cherno-*

grandes relações são expressas pelo formativo: a depreciação, a estranheza, a surpresa e a apreciação.

É necessário que se tenha em mente que a produção de formações com *cherno-* ainda está circunscrita a contextos de interação via redes sociais ou àqueles que permitam diálogo com os gêneros produzidos nessas redes, como memes por exemplo. Dada a restrição de contextos em que o formativo aparece, é necessário que se investiguem as funções textuais a fundo para que se possa melhor descrever o comportamento do formativo na construção de sentidos do texto. Além disso, por as palavras formadas por *cherno-* figurarem em gêneros textuais cujos interlocutores são em maioria jovens, interessa bastante à literatura pensar a aplicação da descrição do formativo ao ensino de Língua Portuguesa. Para tanto, definem-se como objetivos futuros o estudo das funções textuais de cherno-, bem como a elaboração de propostas de aplicação das análises do formativo ao ensino.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A. “Na sextaneja com a caipifruta da mãedrastra”: o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Número especial 2013.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. Londrina: São Paulo: Contexto, 2016.